

DAIANE VALÉRIA ROCHA



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BELO HORIZONTE

2011

DAIANE VALÉRIA ROCHA

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Cláudia Regina dos Anjos

BELO HORIZONTE

2011

Universidade Federal de Minas Gerais
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de
Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes

Monografia intitulada A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL, de autoria de Daiane Valéria Rocha, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Orientadora: Cláudia Regina dos Anjos

Geraldo Freire Loyola
Membro da banca

Prof. Dr.
Coordenador do CEEAV
PPGA - EBA - UFMG

Belo Horizonte, 2011.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender e analisar qual a importância do ensino de Arte na Educação Infantil. A pesquisa vem relatar algumas questões sobre a arte, não para reduzi-la a definições, mas para estimular o pensamento e a discussão, no que se refere ao ensino de Arte na atualidade. Busca contextualizar a arte no mundo em que vivemos e definir suas funções na escola. Uma abordagem da arte como fonte de conhecimento procura justificar seu lugar como disciplina na escola, enfatizando sua importância na vida humana. Para tanto, foi realizada uma pesquisa na Creche Teresa de Calcutá, visando ilustrar um pouco da realidade do ensino de Arte na atualidade. Buscando compreender o que está contribuindo e o que precisa ser revisto no ensino de Arte, para não ficarmos presos a métodos ultrapassados que insistem permanecer em nossas práticas.

Palavras chaves: Arte, ensino, conhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 O ENSINO DE ARTE NA CONTEMPORANEIDADE.....	7
2 CARACTERIZAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DO ESPAÇO EDUCATIVO.....	11
3 OBSERVAÇÃO REALIZADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

INTRODUÇÃO

Formada em Pedagogia desde 2009, atuo na Creche Teresa de Calcutá na Educação Infantil com crianças de 3 anos de idade. Sempre gostei de trabalhar com crianças e isso me faz aproximar cada vez mais delas. Posso afirmar que minha afinidade por elas aumentou e a necessidade de entender mais suas expressões, manifestações, entre outros, também aumentou.

Na contemporaneidade, para ser uma boa profissional, é preciso conhecer os caminhos e os processos ensino-aprendizagem, para que ao mesmo tempo em que se propicia o aprendizado, também se aprende.

Busco sempre me atualizar para desenvolver um bom trabalho e que possa gerar bons resultados ao público alvo, que nesse caso são as crianças.

Depois de iniciar o curso de Pós-graduação em Ensino de Artes Visuais, confesso que as minhas concepções de ensino de Arte modificaram-se. Pude perceber o quanto o trabalho desenvolvido na Creche Teresa de Calcutá está atrelado às metodologias ultrapassadas no ensino de Arte, que pouco contribui para a construção de conhecimento em Arte das crianças. Estão relacionadas mais a ilustração de conteúdos e datas comemorativas do que, propriamente, os conteúdos de arte.

Objetivando compreender e analisar a importância do ensino de Arte na Educação Infantil, foi realizada uma pesquisa de campo na Creche Teresa de Calcutá, instituição da rede pública de ensino, da cidade de Governador Valadares, em Minas Gerais. Esta pesquisa tem caráter qualitativo, ancorado na metodologia do Estudo de Caso. A escola foi escolhida porque trabalho na creche Teresa de Calcutá e tenho que cumprir 40 horas semanais, por isso, optei em realizar a observação na mesma.

Em conversa com uma professora que atua em uma sala com crianças de 4 anos de idade, a qual irei citá-la como professora “Violeta” como forma de preservar sua identidade, expliquei sobre a necessidade de realizar a observação do trabalho que ela desenvolve no ensino de Arte com as crianças da educação infantil.

Assim, depois de aceito, durante um mês realizei a observação do trabalho que a professora desenvolve com as crianças, buscando entender como está o ensino de Arte.

Esta pesquisa buscou analisar e compreender o entendimento que a instituição tem sobre o ensino de Arte, bem como as tendências e concepções desse ensino presentes na referida instituição.

Durante o período de pesquisa, além da observação, realizei uma entrevista com a professora Violeta para entender melhor o trabalho que ela realiza com a turma.

Esta monografia foi organizada em capítulos. No primeiro capítulo - O ensino de Arte na contemporaneidade. Foi abordada a importância da arte enquanto conhecimento.

No segundo capítulo - Caracterização e contribuições do espaço educativo para o ensino de Arte. Foi realizada uma abordagem do espaço físico da creche para esse ensino e um levantamento da proposta do projeto institucional onde a Arte entra mediante o trabalho que é realizado pela professora Violeta.

No terceiro capítulo - Observação realizada no campo de pesquisa. Foi abordado o trabalho que é desenvolvido pela professora Violeta, bem como as análises a luz das discussões teóricas realizadas nos capítulos anteriores.

E por fim, nas considerações finais foi realizada uma breve análise da pesquisa realizada na Creche Teresa de Calcutá.

1 O ENSINO DE ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

A arte desempenha um papel relevante na formação humana. A escola enquanto espaço educativo, muitas vezes, tem sido o único lugar para essa formação, sobretudo, nas comunidades economicamente mais desfavorecidas. Esse cenário, se potencializado, contribui para a sistematização do conhecimento em arte, desde que o ensino de Arte, por meio de seus conteúdos e metodologias, crie condições para que essa disciplina se torne um instrumento de reflexão sobre a realidade para compreender e conhecer o meio em que está situado.

Segundo Barros e Gasparini (2007, p. 2):

A arte é uma representação da realidade, é um meio de compreender fatos históricos, tornando-se um objeto socialmente construído. Ela deve ser inserida no ambiente educacional a fim de torná-la conhecimento escolar. O entendimento da arte na sala de aula deve fornecer subsídios para que o educando compreenda a arte como comunicação, sendo um meio pelo qual o homem mostra ao mundo a sua aspiração, inspiração inquietude e ousadia expostas às contingências da realidade; tornando-se necessário, desta forma, despertar nos alunos e futuros professores a necessidade que a manifestação artística possa e deva ser fruto da reflexão.

Faz-se necessário possibilitar que as crianças entendam a Arte como produção humana, assim elas serão capazes de realizar reflexões da sua própria realidade.

Para tanto, é necessário que a escola propicie ao educando um aprendizado significativo, com acesso as obras de arte o conhecimento de obras em contextos, culturas e expressões diversas, cabendo ao professor desenvolver métodos e práticas para que o aluno compreenda o mundo em que está inserido, situando-a em diferentes contextos sócio-culturais.

Mas, ainda podemos perceber que há um longo caminho a ser percorrido para que esse ensino seja de fato significativo e promova a construção do conhecimento em arte. Percebe-se a necessidade de rever as práticas pedagógicas, pois é de extrema importância desenvolver processos de criação de desenhos,

pinturas, explorando o conhecimento das crianças e dos elementos das artes visuais.

É preciso que o ensino de Arte favoreça condições para se tornar um instrumento de reflexão sobre a realidade, em que o conhecimento crítico seja construído junto ao conhecimento do fazer.

Na infância, por exemplo, as crianças poderão e deverão ter contato com a construção do conhecimento em Arte, cabendo ao professor mediar e valorizar seus processos e vivências. Para isso, explorar pesquisas, contemplar obras de arte e refletir sobre essa produção, sobre as manifestações e objetos artísticos se torna fundamental.

De acordo com Pimentel (2009, p. 24):

Ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que a professora tenha uma base teórica, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus/suas alunas quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos.

Para tanto, faz-se necessário que o professor oportunize as crianças a exploração e manipulação de materiais, como lápis e pincéis de diferentes texturas e espessuras, brochas, carimbos etc.; de meios, como tintas diversificadas, água, areia, terra, argila etc.; e de variados suportes, como jornal, papel, papelão, parede, chão, caixas, madeiras, telas próprias para pintura, dentre outras. Suas utilizações permitirão não só atividades mais prazerosas como estimulará a pesquisa despertando o interesse da criança para a produção contemporânea de arte.

Buoro (1996, p.28) afirma que:

É na infância que se desenvolvem as construções simbólicas que permitem o trânsito entre o real e o imaginário e asseguram a compreensão de que as produções pessoais são fontes de domínio e saber sobre a escrita diferenciada da arte e fonte de prazer pelo envolvimento afetivo que proporcionam.

Segundo a autora é preciso privilegiar o processo criativo da criança, estimulando sua própria produção, pela de outras crianças e pelas diversas obras artísticas com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento de mundo e da cultura, desenvolvendo trabalhos de Arte, utilizando do desenho, da pintura, da

modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

É preciso valorizar o conhecimento que as crianças já possuem. Elas devem ser estimuladas, confrontadas, fazendo com que elas enriqueçam suas experiências. E ainda, deve ser oportunizada a maior diversidade de materiais, suportes, técnicas e situações que as desafiam, objetivando o seu verdadeiro potencial.

É nesse fazer/refazer que a reflexão sobre as produções artísticas e a experimentação é propícia. Esse fazer se bem trabalhado poderá resultar um processo criativo e de construção do conhecimento em Arte.

Portanto, de acordo com Buoro (1996, p. 32):

Fundamental que o ensino de Arte contemple aspectos relacionados com o fazer artístico dos alunos, suas técnicas e procedimentos, a apreciação e a contextualização histórica que situa a obra em seu tempo e espaço e costura com o cotidiano.

Barbosa (1998) sistematizou a Abordagem Triangular que compreende em contextualizar a obra de arte, no fazer artístico e no refletir e contemplar a Arte. Isso não significa que a técnica deva ser deixada de lado, é importante que a criança venha a conhecê-las para aprimorar cada dia mais o seu trabalho, mas a técnica isolada, não dá sentido à obra e ao conhecimento de arte.

Sendo assim, afirma Barbosa (1998, p. 40):

Educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária”.

Diferente da concepção de ensino como técnica que busca valorizar o produto artístico em detrimento do processo e da concepção da Arte como expressão, a concepção de Arte como conhecimento vem buscando a valorização tanto do produto artístico como dos processos desencadeados no ensino de Arte, trazendo para o contexto atual da Arte a idéia do processo e produto, que vem sendo defendida por Barbosa (1975), desde a década de 1970.

A concepção de ensino de Arte como conhecimento, vem sendo destacada como a orientação mais adequada para processo de ensino de Arte na

contemporaneidade, pois contribui para o desenvolvimento de crianças, possibilitando a capacidade de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de modos diferentes.

Sendo assim, afirma Alves (2008, p. 1):

Sabendo também da importância de não somente contemplar a produção do aluno, como a leitura desta produção e de outras imagens, reforço a ideia de ampliar as possibilidades do que é apresentado a eles, diversificando sempre e tentando não se prender a estereótipos. Estes, por sua vez, fazem com que muitos alunos acabem seguindo-os por pensarem que assim terão seus trabalhos aceitos mais facilmente pelos professores, mas na verdade, o que ocorre é que com os estereótipos as crianças aos poucos desaprendam o seu próprio desenho, perdendo a confiança nos seus traços e começando a considerá-los "feios".

Nesse processo de ensino/aprendizagem, o professor torna-se o mediador do processo, sendo de extrema importância que ele utilize métodos de ensino em que as crianças possam se expressar, usando de suas criatividade, sem medo de "errar", libertando-se dos modelos estereotipados, levando assim, a construção de conhecimento em Arte.

A pesquisa realizada na Creche Teresa de Calcutá mostrou que a situação em que se encontra o ensino de Arte na instituição, não está contribuindo para que as crianças possam elaborar reflexões mediante as atividades que são propostas pela professora. As práticas educativas vivenciadas em sala de aula estão mais dirigidas para o desenvolvimento das habilidades técnicas, para o desenvolvimento da coordenação motora, visual e motricidade fina. Essas habilidades são indispensáveis para o desenvolvimento dos indivíduos, porém, não é conteúdo somente da Arte.

Visto que a prática educativa está embasada não no talento ou no dom, mas na capacidade de experiência de cada um, nos processos vivenciados por cada um. Cabe a escola, desenvolver propostas para que o ensino de Arte tenha a sua função de transformação, em que as crianças exerçam a sua cidadania, contribuindo para que elas se reconheçam como participantes e construtoras de seus próprios caminhos e saberão avaliar de que forma se dão os atalhos, as vielas, as estradas.

A arte fará parte de suas vidas e terá um sentido, tornando-se um instrumento de reflexão, deixando de ser incompreensível e elitista, distante de sua realidade.

2 CARACTERIZAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DO ESPAÇO EDUCATIVO

A Creche Teresa de Calcutá está localizada no Centro, à Rua Sete de Setembro, 3850, no município de Governador Valadares/MG.

Entidade filantrópica, de caráter beneficente, de ação social sem fins lucrativos de utilidade pública municipal, conforme a Lei n. 2561. Foi fundada no dia 27 de abril de 1979.

A entidade oferece educação infantil a 197 (cento e noventa e sete) crianças na faixa etária compreendida entre 0 e 5 anos que dela necessitarem, em regime de tempo integral, de segunda a sexta-feira no horário das 7 às 17h. A instituição atende as crianças de classe econômica baixa e média. Nesse período as crianças recebem pelo menos quatro refeições diárias, educação infantil e cuidados com higiene pessoal.

As ações desenvolvidas pela instituição, com o apoio da comunidade e de empresas públicas e privadas, são importantes ferramentas para a promoção e exercício da cidadania do público atendido.

A maioria dos educadores que nela atuam possui formação em nível de Ensino Superior, com habilitação para a Educação Infantil.

Atuam na sede da instituição, além das professoras regentes, professoras auxiliares, professoras eventuais, uma presidente, duas pedagogas, um agente administrativo, doze auxiliares de serviços gerais.

A instituição possui um prédio com 12 (doze) salas e 01 (um) pátio com área coberta, próxima às salas, para as atividades de movimento, para a circulação e lazer. O pátio maior, não é coberto, sendo uma parte quadra esportiva e a outra é de terra, e nele foi montado um parque, com brinquedos de ferro e um tanque de areia. Na instituição, uma sala foi destinada ao trabalho com vídeo, televisão e brinquedoteca. Os materiais pedagógicos ficam guardados numa pequena sala de onde são retirados pelas professoras para utilização com as crianças.

Há dois espaços para a alimentação dos alunos, ou seja, dois refeitórios, com mesas, bancos e cadeiras. Há também uma cozinha, despensa, área de serviço e dois escovódromos.

Além da secretaria, tem uma sala para as pedagogas e banheiros para uso dos funcionários. No que se refere ao ensino de Arte, não há uma sala destinada para a realização das atividades, a professora “Violeta” disse que as atividades são desenvolvidas na própria sala e que não tem estrutura para atender as necessidades das crianças, pois há um banheiro na sala, mas não é adaptado para as crianças, dificultando assim a realização das atividades em Arte.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da instituição, a escola precisa ser mais do que um lugar agradável onde se brinca. Deve ser um espaço estimulante, educativo, seguro, afetivo, com professores realmente preparados para acompanhar a criança nesse processo intenso e cotidiano de descobertas e de crescimento.

Sem abrir mão de ser um espaço para livre brincar, de ser um ambiente extremamente afetivo, a instituição deverá oferecer um cotidiano rico e diversificado de situações de aprendizagem planejadas para desenvolver as linguagens, expressões e as emoções e estabelecer os pilares para o pensamento autônomo.

O Projeto Político Pedagógico propõe formar uma criança saudável e desenvolver sua capacidade de aprender, sua capacidade de pensar e estabelecer as bases para a formação de uma pessoa ética, capaz de conviver participante ativo no processo de construção do conhecimento.

No que diz respeito ao ensino de Arte na Educação Infantil é de fundamental importância, pois por meio da manifestação artística como desenhos, colagem, pintura, é que a criança inicia o trabalho com a hipótese que o desenho serve para registrar tudo em sua realidade, criando e recriando todas as formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade.

De acordo com o projeto institucional a arte deve ser trabalhada como manifestação da criatividade e da inteligência e produto da cultura infantil, contribuindo para o equilíbrio emocional da criança, de forma intencional e planejada: desenhos, modelagens, dobraduras, recortes, colagens, montagens, confecção e objetos etc.

A partir daí as crianças passam a perceber que é possível também criar, imitar e reproduzir personagens através da construção de objetos tridimensionais, interessando-se pela colagem e união de sucatas para confecção desses.

No entanto, as propostas do projeto político pedagógico da instituição não são vivenciadas nas práticas educativas da professora “Violeta”.

Para tanto, é preciso que a professora torne-se mediadora do processo de ensino e organize sua prática em torno da aprendizagem em Arte, oportunizando meios para que as crianças possam manusear diversos materiais.

Apesar da professora Violeta dizer que conhece o projeto institucional, percebe-se que sua prática não vai ao encontro com as propostas do projeto, pois, percebe-se que as práticas da professora em Arte são vistas como mera atividade para adquirir habilidades motoras, e com atividade de livre expressão com o intuito de desenvolver a criatividade ou só para preencher um momento livre da rotina.

Nota-se, ainda, que muitas das práticas desenvolvidas pela professora tais como: os desenhos que são produzidos pelas crianças de forma livre sem a intervenção da professora e de qualquer suporte artístico, se encontram ligada a livre expressão e o espontaneísmo, método citado no projeto político pedagógico da instituição. Estes são insuficientes para assegurar uma construção de conhecimento em Arte.

Dessa forma, a grande ênfase nessa concepção de Arte como livre expressão, torna o processo de ensino insignificante. Pois, a partir dessa ideia que surge à concepção de ensino de Arte como passatempo, autoexpressão, onde não há mediação do professor, descaracterizando a Arte como conhecimento.

Percebe-se que a presença da Arte na contemporaneidade, vem com a proposta de Arte como campo de conhecimento específico, com objetivos, métodos de ensino, conteúdos e não como mera atividade.

Entretanto, o ensino de Arte desenvolvido pela professora Violeta não possui um fim em si mesmo, mas serve como meio para se alcançar objetivos, como, por exemplo, a alfabetização, trabalhar coordenação motora, tais procedimentos que não estão relacionados com o ensino de arte propriamente dito.

Na educação contemporânea não cabe mais reduzir o ensino de Arte ao desenvolvimento de meras atividades artísticas, pois a arte tem conteúdos específicos, porque é conhecimento. Portanto, cabe à escola propiciar experiências ligadas à fruição estética e também ao fazer artístico, tendo como uma das finalidades a consciência estética que envolve não só a capacidade crítica, como também integra sentimentos, imaginação e razão, tornando claros os conteúdos de arte e levando em consideração o seu meio.

Nessa perspectiva, Barbosa (2003) aponta os compromissos da arte-educação com a cultura e a história, e elucida sobre a Abordagem Triangular, na qual se dá ênfase à apreciação artística, à contextualização e ao fazer artístico.

3 OBSERVAÇÃO REALIZADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As considerações aqui registradas a partir das observações de campo, na creche Teresa de Calcutá, não dão conta descrever toda a realidade do município de Governador Valadares, mas possibilita algumas indicações para reflexões mais gerais sobre o ensino de Arte na Educação Infantil. Para tanto, busco compreender e analisar a importância desse ensino na Educação Infantil.

Ao iniciar a pesquisa tive uma breve conversa com a professora Violeta para entender melhor como é a realização do seu trabalho, em específico o desenvolvimento do ensino de Arte. De início, ela comentou que sua formação acadêmica é em Pedagogia e que não tem especialização em Arte. Essa é uma situação comum na educação brasileira, falta de formação do professor no campo das artes.

Em relação ao ensino de Arte, a professora “Violeta” disse que não tem um dia específico na rotina para desenvolver as atividades, ou seja, não há tempo determinado para o ensino de Arte, ficando a critério de cada professora escolher o dia que quer realizar atividades de Arte. Por um lado, é interessante não ter esse tempo determinado, rígido é positivo porque possibilita maior integração e inter-relação com outros conteúdos e propostas de trabalho. Já por outro, corre-se o risco de não ter tempo nenhum quando se é muito solto. Prevalecendo, assim, outras disciplinas.

Em relação ao espaço, nessa instituição não tem um lugar específico para desenvolver as atividades de Arte, são realizadas nas próprias salas de aula. A sala da professora Violeta não apresenta um espaço físico muito bom, pois é muito pequena e possui um banheiro que não é adaptado para a idade das crianças, dificultando a sua utilização, além de não possuir bancadas, pias para a utilização no campo das artes.

Durante a observação das atividades, uma situação me chamou atenção: após desenvolver uma atividade artística proposta pela professora, a qual solicitou que todos desenhassem os três porquinhos da história que havia acabado de ouvir, uma criança não permitia que ninguém olhasse, cobrindo o seu desenho com as mãos; ao se questionar o porquê, respondia: “está feio. Eu não sei desenhar”.

A professora relatou que gosta muito de desenvolver essa atividade, em que ela escolhe uma história para ser contada e depois distribui materiais tais como papel, canetinha, lápis de cor, giz de cera etc. para que as crianças possam ilustrar a história que ouviram.

Observa-se que essa prática em que as crianças ouvem uma história para depois ilustrá-la, pouco contribui para a expressão da criança e construção de conhecimento em Arte. Pois perdem a oportunidade de explorar os sentidos, a percepção da criança em relação a história ou mesmo explorar as metáforas que essa atividade possibilita. Dessa forma, configura-se em uma atividade livre sem nenhuma intervenção da professora, no campo do ensino do desenho, por exemplo.

Ao inquirir a professora se já havia percebido algum tipo de resistência por parte das crianças em desenvolver alguma produção artística, ela afirma que nunca observou casos assim, pelo contrário, sempre que ela propõe realizar uma atividade, as crianças demonstram interesse, boa vontade e criatividade, mas às vezes ocorre timidez.

Percebe-se que, nesse caso, a concepção da professora sobre o ensino de Arte está relacionada ao desenvolvimento psicológico da criança. Essa concepção de ensino ainda está ligada a Escola Nova em que se propagou a idéia de que as crianças devem se expressar livremente, cabendo ao professor criar um ambiente adequado onde elas possam desenvolver suas potencialidades criativas. Sem intervenção absoluta do professor.

Azevedo (2000, p. 37) afirma que.

[...] nela a criança não era pensada como miniatura de adulto, mas deveria ser valorizada e respeitada em seu próprio contexto, com sua forma peculiar de pensar/agir no mundo, possuindo uma capacidade expressiva original, comunicando-se por meio de seu gesto-traço, seu gesto-teatral e seu gesto-sonoro.

Observa-se que a professora “Violeta” tem uma concepção de ensino baseada no desenvolvimento de livre expressão e da liberdade criadora das crianças, onde o processo de ensino ocorre sem a mediação do professor.

O entendimento desses, enquanto desenvolvimento da expressão e da criatividade deixou marcas profundas na maneira de ensinar Arte na escola, tais como a produção de desenho e pintura como forma de expressão do pensamento da criança sem nenhuma relação com o conhecimento em Arte.

Nesse caso, imagens de obra de Arte não se usavam porque eram consideradas modelos inibidores da criatividade. Em geral, as atividades propostas eram desenvolvidas de forma “livre”, sem qualquer intervenção ou mediação da professora na percepção dos produtos artísticos e na realização da produção da criança, partindo da crença de que a aprendizagem do conhecimento artístico ocorre de forma espontânea, sem necessidade de qualquer trabalho de mediação da professora.

Em outro momento, a professora Violeta realizou a leitura de uma história sobre um tigre que vivia debochando dos outros animais da floresta. As palavras da história que as crianças não sabiam o significado a professora explicava. Durante a leitura a professora conversava com as crianças a respeito das atitudes do personagem. Essa situação me chamou atenção, pois a professora não estava tentando decifrar ou adivinhar de forma isenta o sentido de um texto, mas é, a partir do texto, atribuir-lhe significados na busca da sua compreensão, dos seus sentidos e de outras possíveis leituras.

Ao término da história a professora discutiu com as crianças sobre o comportamento do personagem e explicou como seria o desenvolvimento da atividade: disse que deveriam pintar o desenho do tigre bem forte e caprichado, recortando em seguida e montando o tigre. Mostrou um trabalho pronto feito por ela e demonstrou como recortar a parte do trabalho que é uma espiral. Distribuiu as folhas com os desenhos mimeografados para os alunos começarem o trabalho.

No primeiro momento da atividade, em que a professora realizou a leitura da história, discutiu o texto para que as crianças pudessem interpretar e relacionar com acontecimentos de suas vidas foi de extrema relevância para a reflexão e construção de conhecimento por parte das crianças. Já no segundo momento, quando distribuiu desenhos mimeografados, percebe-se que a atividade deixa a desejar e as crianças perdem a oportunidade de desenvolver uma prática de significados para sua expressão. Delimitando o processo de criação por parte das crianças ao entregar-lhes desenhos mimeografados, mostrando um modelo pronto e acabado a ser seguido e como se não bastasse à professora ainda exige capricho na execução do trabalho. Se esse desenho for estereotipado, acabe aqui um parágrafo distinto sobre a pobreza de expressão.

Houve um planejamento prévio da aula por parte da professora, mas, seria somente pintar o desenho dentro dos limites, recortá-lo e montá-lo? Aparentemente

sim. Não percebi novas construções de conhecimento e continuidade do trabalho para o desenvolvimento da expressão da criança, somente pintar, recortar e colar isoladamente, sem contexto.

Não estou aqui dizendo que colar, pintar e colorir sejam indispensáveis ao trabalho artístico, ao contrário, estou reafirmando a continuidade no ensino de Arte de práticas isoladas, sem contexto, com formas estereotipadas e relação com a experiência do educando. A expressão também ficou reduzida, pois quase todos os alunos pintaram o desenho com as mesmas cores e da mesma maneira, conforme o modelo mostrado pela professora. Notei que a professora tem como hábito dar os modelos prontos às crianças, não proporcionando a criação, nem desenvolvendo a observação e expressão artística.

É necessário que o ensino de Arte vá além da reprodução de conceitos e permita que as crianças o explorem de tal forma que possam compreender a real função do mesmo.

Durante a pesquisa realizada na creche pude observar que algumas crianças da turma da professora Violeta têm dificuldades em identificar as cores. E por perceber que a turma, de uma forma geral, adora manusear areia ao serem levadas ao parque, seria interessante a professora utilizar um material que as crianças tanto adoram, no caso a areia, para desenvolver atividades de Arte buscando facilitar a identificação das cores, unindo em uma só atividade o prazer e o aprendizado.

Para tanto, uma boa proposta de atividade de Arte seja na própria sala de aula ou no parque, seria interessante a professora Violeta separar pequenas porções de areia em tigelas e em cada porção misturar tintas de diferentes cores, pedindo sempre as crianças para identificarem às cores usadas, iniciando com as cores primárias, explicando as crianças porque elas são consideradas primárias e depois que cada porção de areia estiver de uma cor, pedir as crianças para escolherem duas porções de areia para misturarem, descobrindo assim as cores secundárias, em que cada criança poderá falar sobre o que aconteceu ao misturar a areia com cores diferentes. Deixando que as crianças manuseiem a areia proporcionando um momento de diversão e construção de conhecimento.

Muitas vezes pude presenciar atividades de colorir desenhos mimeografados (formas geométricas, personagens de histórias, números, letras), exercícios de cópias de diferentes linhas (pontilhadas, em ziguezague, onduladas etc.), amassarem papéis e outros materiais, colar sobre as formas desenhadas pelas

professoras, colagens com sucata, manipulação de massas (argila e plastilina), sem ao menos uma reflexão ou contextualização.

Além dessas atividades, há o ensino de técnicas, em que ela realizou atividades diversificadas como desenhar sobre lixa, realizar pinturas com escova de dente, ou assoprar sobre o papel tinta em um canudo, sendo que tais técnicas foram descontextualizadas dos processos de expressão e criação artística e desarticuladas entre si. Além disso, perderam oportunidades de ampliar o repertório imagético das crianças, os modelos apresentados são estereotipados, não tem nada a ver com obras de arte ou trabalhos de artistas.

Tais procedimentos metodológicos têm a finalidade de ensinar a fazer bem um desenho, por isso eram e são fornecidos modelos para serem copiados.

Segundo a professora Violeta:

Esse aqui (um desenho que eu havia selecionado para conversarmos) eu propus que as crianças enfeitassem a letra inicial do nome do jeito que elas queriam, utilizando diversos materiais, tais como: cola colorida, tinta, lápis de cor, canetinha (no caso seria para trabalhar a letra inicial do nome e não desenho). Esse aqui (outro desenho) é parecido com a proposta anterior, mas nessa atividade enfeitaram o numeral (Diário de Campo, 02/ 08/20011).

Nessa concepção, o ensino de Arte na educação escolar não possui um fim em si mesmo, mas, serve como meio para se alcançar objetivos que não estão relacionados com a construção do conhecimento em Arte. Além de se perder uma ótima oportunidade de desenvolver a expressão e conhecer, pesquisar e experimentar diferentes materiais, técnicas e suportes

Ao observar que algumas crianças da turma da professora Violeta têm dificuldades em identificar as cores, seria oportuno desenvolver atividades com obras de Henri Matisse e artistas brasileiros como Tarsila do Amaral, Candido Portinari e outros mais contemporâneos com Gonçalo Ivo, Rodolpho Parigi, entre outros. Também obras que permite ou que tenha a cor como elemento preponderante como a obra True Rouge do Tunga, Desvio para o vermelho de Cildo Meireles, entre outras, afim de que as crianças conheçam alguns aspectos da vida e da obra do artista, estimulando a criação de desenhos, explorando as diversas cores, num processo significativo de construção de conhecimento.

Segundo a professora, por ela considerar a sexta-feira um dia “mais tranquilo”, por está no final da semana e as crianças já estarem cansadas, a aula de Arte passa a representar um momento de relaxamento, uma espécie de terapia, que aliviaria o cansaço intelectual das crianças, onde ela deixa as crianças fazerem desenhos livres, sem suporte de referencial artístico, onde são disponibilizados alguns materiais, como folhas tamanho ofício, canetinhas hidrocor, giz de cera, tintas e pincéis para que as crianças realizem suas produções. O relato da professora sobre suas concepções de ensino de Arte mostra que sua pedagogia em Arte se aproxima das concepções expressivistas.

Portanto, o ensino da Arte desenvolvido pela professora Violeta não oportuniza o conhecimento sobre a própria Arte, sobre os materiais ou mesmo possibilita o desenvolvimento do imaginário infantil. A partir dessas abordagens, as crianças aprendem que precisavam de modelos para se expressar, que existem erros ao utilizar um material, que as folhas retangulares com margens são os únicos suportes possíveis para desenhar.

As metodologias em Arte, observadas durante a pesquisa, careciam de propostas que desafiassem o imaginário infantil, buscassem os conhecimentos visuais das crianças, explorassem as expressões e manifestações nas formas de produzir, entender e fruir, bem como investigassem as possibilidades dos materiais.

A professora relatou o quanto é difícil elaborar planejamentos em Arte, tendo em vista que em sua formação acadêmica em Pedagogia e no ensino médio tiveram poucos conhecimentos sobre fundamentos, concepções e metodologias em artes. Aliada à formação precária nessa área do conhecimento, a professora não teve em sua vida a oportunidade de experienciar situações expressivas, de exploração de materiais, contato com diferentes repertórios imagéticos ou de fruição da arte. Ou seja, a carência de experiências nas áreas expressivas acarreta equívocos nas práticas pedagógicas junto às crianças. Além disso, os gestores educacionais e até mesmo, as escolas, investem pouco em cursos de formação continuada nas áreas de artes visuais, música, teatro e dança.

Percebe-se que as dificuldades enfrentadas pela professora da educação infantil em conceber, planejar e desenvolver propostas em artes visuais se deve ao pouco conhecimento que elas têm nessa área ao longo de sua escolarização. Assim, muitas vezes, suas práticas no ensino da Arte foram baseadas em concepções, como dar liberdade, Arte depende de habilidades, Arte é um dom, entre

outras que formam o senso comum sobre o que é Arte e como ela deve ser ensinada.

Enquanto na contemporaneidade a indagação seria quando é Arte, isso porque é o contexto, os deslocamentos constantes da imaginação e expressão em Arte que determinam o que é a arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à pesquisa na Creche Teresa de Calcutá, concluí que o ensino de Arte está ligado a metodologias ultrapassadas. Não favorecendo a construção do conhecimento em arte como aspecto relevante no processo escolar. Percebe-se ainda que está diretamente relacionado ao lazer e a recreação.

As práticas educativas vivenciadas em sala de aula da Creche Teresa de Calcutá estão mais dirigidas para o desenvolvimento das habilidades técnicas, para o desenvolvimento da coordenação motora, visual e motricidade fina. A Arte não tem significado em si mesma, mas para chegar a outros fins.

O ensino de Arte nessa instituição deve favorecer condições para que as crianças possam refletir sobre a realidade, onde elas possam conseguir compreender e conhecer o meio em que estão situadas. As propostas teóricas não estão aliadas com as políticas educacionais no que dizem respeito ao ensino de Arte. Logo, se faz necessário estabelecer uma proposta para que a Arte esteja possibilitando a construção desse conhecimento.

O processo de ensino deve estar vinculado à experiência individual de cada criança e com sua realidade. Sabe-se que adotar metodologias que atendam a individualidade de cada criança não é nada fácil, por isso, que no primeiro capítulo a Proposta Triangular foi discutida, não como uma receita a ser seguida, mas para nortear o processo de ensino, onde o fazer e o pensar são desenvolvidos de modo a proporcionar uma educação que vise um processo significativo para cada criança.

Para tanto, percebe-se a necessidade de rever as práticas educativas do ensino de Arte, para que as crianças não fiquem alienadas pelo processo de ensino, mas que a Arte seja proposta como um instrumento reflexivo, em que criança desenvolva o pensamento crítico diante das questões sociais.

É necessário que o conhecimento crítico seja construído junto ao conhecimento do fazer. Nesse processo de ensino o professor deve ser o mediador, promovendo um trabalho que tenha relevância para o desenvolvimento crítico as crianças.

Esperamos que o presente estudo possibilite o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre a prática pedagógica de ensino de Arte desenvolvida no âmbito da educação escolar brasileira e que possa subsidiar a re-configuração desse ensino

voltado e comprometido com o crescimento integral dos alunos, que perpassam, também, pelo seu desenvolvimento artístico e cultural.

REFERÊNCIAS

ALVES, Bruna Pereira. **Infância e descoberta**: conhecendo a linguagem da arte, indo de encontro aos estereótipos. 2008. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=87> Acesso em: 05 dez. 2011.

AZEVEDO, F. A. G. de. **Arte**: linguagem que articula conhecimentos na construção de competências. 5f. Recife, 2000.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Arte educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. São Paulo: **Revista Digital Art &** - Número 0 - Outubro de 2003.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARROS, Gabriela de Angelis; GASPARIN, João Luiz. **As novas exigências histórico-educacionais do ensino de artes na contemporaneidade**. UEM. 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/AS%20NOVAS%20EXIG%CANCIAIS%20HIST%D3RICOEDUCACIONAIS%20DO%20ENSINO%20DE%20ARTES.pdf> Acesso em: 05 dez. 2011.

BUORO, Anamélia. **O olhar em construção**. São Paulo: Cortez, 1996.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (organizadora); Juliana Gouthier *et al.* **Curso de especialização em ensino de artes visuais 1**. 2. ed.- Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.